

***Peca, musse, chineque e lausento:* variantes lexicais no Atlas Semântico-Lexical de Balneário Barra do Sul, Santa Catarina**

*Peca, Musse, Chineque and Lausento:
Lexical Variants in the Semantic-Lexical Atlas of
Balneário Barra do Sul, Santa Catarina*

Ana Paula CÂMARA 

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil
camaraanapaula065@gmail.com

Valter Pereira ROMANO 

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil
valter.pereira.romano@ufsc.br

Resumo: Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa geossociolinguística realizada em Balneário Barra do Sul, cidade localizada no litoral norte do estado de Santa Catarina. O objetivo é descrever quatro cartas linguísticas do Atlas Semântico-Lexical de Balneário Barra do Sul (Camara, 2023) com foco em quatro itens: *peca*, *musse*, *chineque* e *lausento*, considerando a distribuição geossociolinguística, ou seja, aspectos de variação diatópica, diassexual e diageracional, seguindo a perspectiva da Dialetoлогия Pluridimensional (Thun 1998). Os dados documentados, comparados com alguns registros geolinguísticos do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil - ALERS (Altenhofen *et al.*, 2011) e dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - AliB, indicam possíveis regionalismos lexicais, comuns ao perfil sociolinguístico dos informantes, e evidenciam particularidades de subáreas dialetais na região sul, já atestadas por Koch (2000), Altenhofen (2005) e Romano (2015) sobre o contato da língua portuguesa com língua de imigração europeia.

Palavras-chave: Atlas linguístico; variação lexical; Santa Catarina; geossociolinguística.

Abstract: This article presents results from a geosociolinguistic study conducted in Balneário Barra do Sul, a municipality located on the northern coast of the state of

Santa Catarina. The aim is to describe four linguistic maps from the *Semantic-Lexical Atlas of Balneário Barra do Sul* (Camara, 2023), focusing on four lexical items: *peca*, *musse*, *chineque*, and *lausento*, considering their geosociolinguistic distribution, that is, aspects of diatopic, diasexual, and diagenational variation, following the perspective of Pluridimensional Dialectology (Thun, 1998). The documented data are compared with geolinguistic records from the *Linguistic-Ethnographic Atlas of the Southern Region of Brazil – ALERS* (Altenhofen et al., 2011) and data from the Projeto Atlas Linguístico do Brasil, indicating possible lexical regionalisms common to the sociolinguistic profile of the informants and highlighting particularities of dialectal subareas in southern Brazil, as previously attested by Koch (2000), Altenhofen (2005) and Romano (2015), regarding the contact between Portuguese and European immigrant languages.

Keywords: Linguistic Atlas; Lexical Variation; Santa Catarina; Geosociolinguistics.

1 INTRODUÇÃO

A Geolinguística no Brasil tem avançado quantitativa e qualitativamente a partir de trabalhos de mestrado e doutorado que visam à elaboração de atlas linguísticos de diferentes domínios, o que evidencia as tendências atuais dos estudos geolinguísticos brasileiros (Silva; Romano, 2022). No Brasil, país multiétnico e marcado por uma sociedade plural e polarizada (Luchesi, 2003), os estudos geolinguísticos passaram a incorporar em sua metodologia abordagens que extrapolam a perspectiva monodimensional, diatópica. A geolinguística brasileira já nasceu na década de 1960, com o Atlas Prévio dos Falares Baianos (Rossi et al. 1963), ligada à documentação da variação diatópica, correlacionando-a, sistematicamente, com as diferenças das falas femininas e masculinas espelhadas no material cartografado, por exemplo. Contudo, é a partir do “Segundo momento da geolinguística brasileira” (Romano, 2013, p. 207), que a então Geosociolinguística (Razky, 1998) e a Dialetologia Pluridimensional (Thun, 1998) tomam corpo e passam a ser uma marca preponderante dos trabalhos geolinguísticos desenvolvidos no país, principalmente, pela influência direta do Projeto Atlas Linguístico do Brasil¹. Desse modo, passou-se a incorporar

¹ O Atlas Linguístico do Brasil é um projeto de pesquisa nacional de caráter interinstitucional que está em desenvolvimento desde 1996. É coordenado por um Comitê Nacional com a sede na Universidade Federal da Bahia em Salvador-Brasil. Objetiva descrever e analisar a variante brasileira da língua portuguesa a partir do registro da língua falada por 1100 informantes naturais de 250 municípios. Os dois primeiros volumes do atlas foram publicados em Cardoso et al. (2014a; 2014b) e o terceiro volume em Mota; Ribeiro; Oliveira

de forma sistemática na metodologia geolinguística o controle de variáveis sociolinguísticas e contextuais, tais como: sexo, faixa etária, escolaridade, níveis de interlocução etc., além da variável espaço geográfico, por primazia. O ALiB constitui-se, portanto, como um projeto mestre para desenvolvimento de atlas linguísticos no Brasil e definiu bases metodológicas fortemente sustentadas na interface da Dialetologia com a Sociolinguística, atentando-se aos “veios sociolinguísticos” (Cardoso, 2010, p. 49), desde a coleta de dados até o produto final, que é o conjunto de mapas que vai constituir os atlas linguísticos.

Os atlas linguísticos são documentos históricos que servem para registrar um recorte temporal da língua em determinado território planificado em um conjunto de mapas temáticos que trazem o registro da variação lexical, fonético-fonológica e/ou morfossintática de uma comunidade, mediante entrevistas diretas realizadas junto a informantes previamente selecionados (Coseriu, 1987). Conforme Alinei (1994), são classificados segundo a sua abrangência em: i) atlas linguísticos continentais; ii) grupos de línguas; iii) nacionais e iv) regionais (Alinei, 1994, p. 21). Para a realidade brasileira, Silva (2023) fez uma (re)categorização desses atlas, ampliando a classificação de Alinei (1994), haja vista os avanços da geolinguística brasileira que, em pouco mais de 60 anos de existência — de 1963 a 2026 — recobriu diferentes territórios, desde pequenas cidades, até regiões metropolitanas e de fronteira internacional (Romano, 2020; Romano, 2024).

Segundo Silva (2023), os atlas linguísticos podem ser classificados como: (i) atlas linguísticos continentais; ii) grupos de línguas; iii) nacionais; (iv) regional; (v) estadual; (vi) pequeno domínio/local; (vii) fronteiro/contatual e (viii) rota-histórico-linguística. Os atlas de pequeno domínio ou locais recobrem áreas bem menores do que as abrangidas pelos atlas estaduais e oportunizam a descrição de pequenas comunidades, cidades ou microrregiões. Esses atlas são ferramentas que permitem complementar trabalhos de maior envergadura como um *zoom* à realidade linguística da região. Particularidades locais são evidenciadas por meio da coleta de dados a partir de um questionário específico que trazem questões

(2023). Os volumes 4 e 5 estão em fase de elaboração. Detalhes sobre o ALiB podem ser encontrados em: <https://alib.ufba.br/>

relevantes às comunidades em foco, revelando aspectos regionais que os atlas estaduais, regionais e nacional não conseguem recobrir.

Este artigo traz os resultados de um atlas de pequeno domínio desenvolvido no litoral norte do estado de Santa Catarina, o Atlas Semântico-Lexical de Balneário Barra do Sul, doravante, ASL-BBS (Câmara, 2023), atlas linguístico pluridimensional desenvolvido sob a perspectiva da geossociolinguística que se soma ao conjunto de trabalhos que impulsionam a descrição dos falares sulistas, amplamente documentado pelo Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (Altenhofen e outros, 2011) e revisitado por trabalhos como o de Rocha (2008), Romano e Aguilera (2014), Romano (2015), Robbin (2022), entre outros.

O artigo objetiva descrever a variação lexical e os aspectos geossociolinguísticos do município Balneário Barra do Sul com base em dados cartografados em quatro cartas linguísticas do ASL-BBS (Câmara, 2023), referentes às denominações para as questões: 37 - *coisinhas redondas de vidro que as crianças costumavam brincar*; 43 - *pasta de fruta para passar no pão*; 44 - *pãezinhos sovados com farofa por cima* e 61 - *pessoa que quer se aparecer*.

As variantes são discutidas considerando-se a distribuição diatópica em comparação com outros estudos e suas distribuições pelas variáveis sociolinguísticas controladas: sexo e faixa etária, a partir de gráficos de frequência com base no banco de dados do ASL-BBS.

Antes, porém, apresentam-se breves comentários sobre a geolinguística no Sul do Brasil e a situação de Santa Catarina no conjunto dos falares do sul, seguindo-se os materiais e métodos da pesquisa, análise das cartas, as considerações finais e referências.

2 A GEOLINGUÍSTICA NO SUL DO BRASIL: BREVES APONTAMENTOS

Segundo Margotti e Romano (2021), a geolinguística na região sul do Brasil começou a partir da década 1990, com o Atlas Linguístico do Paraná (Aguilera, 1994) e com trabalhos da equipe de dialetólogos que se colocaram em movimento para elaborar o primeiro atlas linguístico de uma região administrativa do Brasil, o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do

Brasil, cujas primeira edições foram publicadas em 2002, e o volume do léxico e reedição de cartas fonéticas e morfossintáticas vieram a público em 2011 (Altenhofen *et al.*, 2011). Diversos trabalhos têm sido desenvolvidos a partir de análise de cartas do ALERS, e do ALPR (Aguilera, 1994) como, por exemplo, Rocha (2008), Pinho e Margotti (2009), Romano e Aguilera (2014), Romano (2015), Brissos e Saramago (2019) e Robbin (2022), entre outros.

Além dos trabalhos decorrentes do ALERS, a geolinguística no Sul do Brasil tem avançado com elaboração de atlas de pequeno domínio, sobretudo no estado do Paraná (Romano e Silva, 2016). Em Santa Catarina, merecem destaque as duas primeiras iniciativas para elaboração de atlas linguísticos menores, como a tese de doutorado de Imaguire (1999) – *Estudo com Vistas a um Atlas Linguístico da Ilha de Santa Catarina: abordagem de aspectos semânticos lexicais*, defendida na Universidade de São Paulo, e a pesquisa de Guimarães (2007) – *Para um Atlas Linguístico de São Francisco do Sul (ALSFS): há nesta ilha um falar específico?*, tese defendida na Universidade Estadual de Londrina.

Mais recentemente encontram-se dois outros atlas, o trabalho de Câmara (2023) — *Atlas Semântico-Lexical de Balneário Barra do Sul-Santa Catarina* — e a pesquisa de Bitencourt (2024) — *Atlas Semântico-Lexical do Vale do Itajaí-SC*, ambas dissertações de mestrado em Linguística defendidas na Universidade Federal de Santa Catarina, que retomam os estudos geolinguísticos especificamente do estado, com vistas a dar impulso à descrição dos falares catarinenses ². Uma particularidade importante dessas pesquisas é evidenciada por Margotti e Romano (2021, p. 107):

As pesquisas já realizadas e em andamento no Sul do Brasil sobre a língua portuguesa em uso refletem a pluralidade social, cultural e geofísica e contemplam cenários linguísticos diversos, onde há contatos linguísticos com línguas indígenas, com línguas de imigrantes europeus e asiáticos e com o espanhol de três países vizinhos, o que lhe confere um *status* peculiar no que diz respeito ao português brasileiro.

² A geolinguística catarinense conta ainda com o projeto de pesquisa em desenvolvimento na Universidade Federal da Fronteira Sul, em Chapecó, intitulado Atlas Linguístico das Línguas em Contato na Fronteira, coordenado por Marcelo Jacó Krug e Cristiane Horst. O Projeto abrange localidades no oeste do estado de Santa Catarina. Está em fase de coleta e organização dos dados.

E tais peculiaridades dizem respeito a fatores, como a presença de açorianos e madeirenses que surgiu a partir do século XVIII, no litoral que perpassa São Francisco do Sul-SC até Rio Grande-RS (Furlan, 1989); a existência de fronteiras políticas com países de fala hispânica, surgindo assim, o português-espanhol; o contato entre paulistas e gaúchos ocorrido em dois movimentos migratórios opostos, em um movimento de bandeiras e, posteriormente, o das rotas dos tropeiros; o assentamento de imigrantes de língua alemã (1824 a 1890), que culminou em importantes áreas bilíngues, de italianos, a partir de 1875, de poloneses e ucranianos, a partir de 1890, além de outras etnias que surgiram no início do século XX, como a japonesa em 1908, por conta do forte movimento de industrialização no Brasil.

Pesquisadores como Furlan (1989), Koch (2000), Altenhofen (2005), Margotti e Vieira (2006) e Romano (2015) afirmam que Santa Catarina é uma área de transição entre a variedade sul-rio-grandense e a variedade paulista-paranaense. Essas duas grandes áreas no Sul do Brasil e o denominado *leque catarinense* (Altenhofen, 2005) são ratificadas em dados urbanos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil³, como bem se observa no trabalho de Romano (2015). Na zona leste desse estado, predominam o subfalar açoriano- Catarinense (Furlan, 1989) e as variedades do português de contato com as línguas de imigrantes europeus.

Dessa forma, a cidade de Balneário Barra do Sul, localizada na Mesorregião Norte Catarinense, faz parte da área demarcada pelos pesquisadores como sendo parte do território de língua portuguesa de base açoriana. Todavia, tendo em vista o contato com línguas de imigrantes europeus, principalmente de origem germânica, e a baixa influência das variedades sul-rio-grandense e paulista-paranaense, essa mesorregião apresenta especificidades linguísticas, assim como traços de regionalismos peculiares, evidenciados na cartografia.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

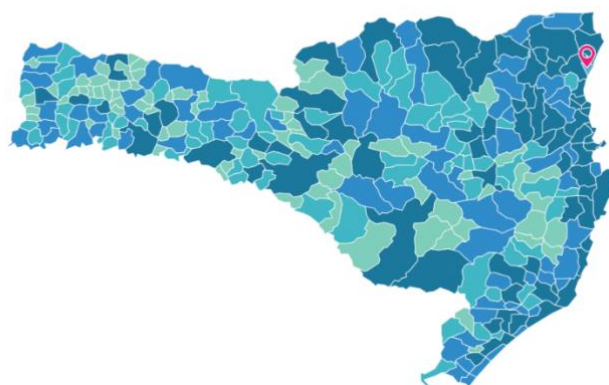
Balneário Barra do Sul é um pequeno município localizado no litoral norte de Santa Catarina (Figuras 1 e 2) com uma população aproximada de

³ Para detalhes sobre ALiB, conf. <https://alib.ufba.br/>

15 mil habitantes, em que a cultura pesqueira e o turismo naval são pontos fortes. Localizado na região de colonização açoriana do século XVIII (litoral), sua população é constituída por lusos-açorianos, turcos, italianos e alemães, que inclusive fundaram a comunidade denominada “Vila alemã”, no século XIX, hoje o conhecido bairro Salinas.

Figura 1 - Localização de Balneário Barra do Sul no Estado de Santa Catarina

População no último censo
Balneário Barra do Sul: 14.912 pessoas



Fonte:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/balneario-barra-do-sul/panorama/>

Figura 2 – Mapa de localização de Balneário Barra do Sul



Fonte: Câmara (2023)

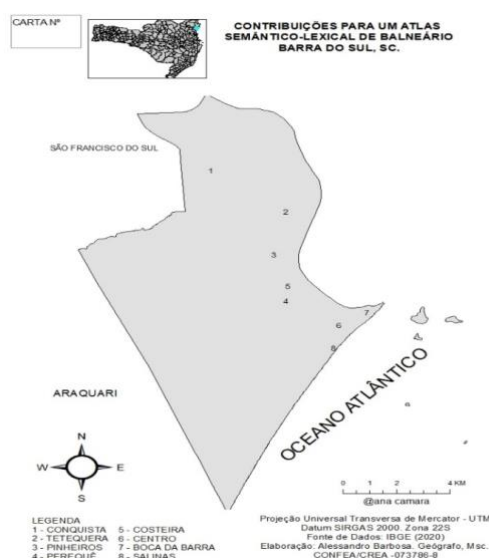
Entre os meses de maio de 2021 a março de 2022⁴, foi realizada uma pesquisa de campo no município seguindo os procedimentos metodológicos da Geossociolinguística (Razky, 1997) e da Dialetologia Pluridimensional (Thun, 1998), considerando o tripé da pesquisa geolinguística (Cardoso, 2010): questionários, rede de pontos e informantes. Assim, o ASL-BBS contempla as dimensões i) diatópica (área rural e urbana); (ii) diageracional (faixa etária) e (iii) diassexual (homem e mulher).

O questionário do ASL - BBS é uma adaptação dos questionários do ALiB (COMITE NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001) e do ALERS (Altenhofen et al. 2011). No total compõe-se de 72 questões, subdivididas por campos semânticos: Astros e Tempo; Acidentes Geográficos; Fenômenos da Natureza; Fauna; Corpo Humano; Ciclos da Vida; Convívio e Comportamento Social; Jogos e Diversões Infantis; Habitação; Alimentação e Cozinha; Vestuário e Acessório; Religiões e Crenças; Atividades Agropastoris; Vida Urbana e Questões Regionais. Das 72 questões, 16 perguntas foram elaboradas especificamente para a pesquisa, com o intuito de evidenciar variantes regionais.

Quanto à rede de pontos, foram selecionadas 8 localidades, conforme a Figura 3, sendo quatro de zonas rurais (ponto 1 a 4) e quatro da zona urbana (5 a 8):

Figura 3 - Rede de pontos do ASL-BBS

⁴ Projeto submetido e aprovado em 11 de março de 2022 pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina. Protocolo CAAE: 55849221.9.0000.0121.



Fonte: Câmara

(2023)

No que diz respeito ao perfil dos informantes, a pesquisa seguiu os pressupostos da Dialetoлогия Pluridimensional (THUN, 1998). Por isso, buscou-se trazer a participação de homens e mulheres de duas faixas etárias: faixa I, composta por um homem e uma mulher de 18 a 30 anos, e faixa II, composta por um homem e uma mulher de 50 a 65 anos, em cada ponto de inquérito, contemplando as dimensões *diassexual* (homem/mulher), *diageracional* (faixa I e faixa II) e *diazonal* (área rural e urbana), sendo todos os informantes de 8 a 13 anos de escolarização, totalizando a fala de 32 pessoas, tendo como pré-requisito inicial ser natural da localidade, com pais e cônjuge preferencialmente da região linguística e não ter se afastado da região por um período máximo de três anos.

Após o levantamento do *corpus* por meio das gravações, foram feitas as transcrições e revisões do material coletado, a respectiva tabulação e cartografia dos dados. Para isso, utilizou-se a ferramenta SGVCLin – Software para Geração e Visualização e Cartas Linguísticas (Romano, Seabra e Oliveira, 2014). Neste trabalho são analisadas as variantes para as quatro questões do QSL já mencionadas com apresentação das frequências de uso das formas considerando duas variáveis, sexo e faixa etária, com vistas a

verificar o tipo de variação predominante para as questões em pauta, diatópica, diasssexual e/ou diageracional.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS CARTAS LINGUÍSTICAS

O ASL-BBS (Câmara, 2023) contém um conjunto de 72 cartas linguísticas que retratam o falar local no que tange aos aspectos lexicais. Nesta oportunidade, apresentam-se os dados cartografados para quatro questões do QSL (questionário semântico lexical) documentados em quatro cartas linguísticas: questão 37 - *coisinhas redondas de vidro que as crianças costumavam brincar*, 43 - *pasta de fruta para passar no pão*, 44 - *pãezinhos sovados com farofa por cima* e 62 - *pessoa que quer se aparecer, se acha demais*. Os resultados são apresentados considerando-se a distribuição diatópica das variantes, que evidenciam traços de regionalismos em comparação com outros estudos, bem como análises quantiquantitativas com gráficos e tabelas de distribuição das formas documentadas, conforme as variáveis sexo e faixa etária. Focaliza-se, em especial, as variantes lexicais *peca*, *musse*, *chineque* e *lausento* (a), para cada uma das perguntas, respectivamente.

4.1 Brincando de peca

A pergunta 37 do QSL *como se chama o brinquedo em que se usam coisinhas redondas de vidro* apresentou um total de 52 respostas. Feitos os devidos agrupamentos de variantes morfofonêmicas⁵, na Tabela 1, pode-se observar a produtividade das formas.

Tabela 1. Produtividade das variantes lexicais para bolinha de gude (QSL 37)

Variantes	N. de ocorrência	%
peca/bolinha de peca	32	61,4
bola de gude/bolinha de gude	18	34,6%

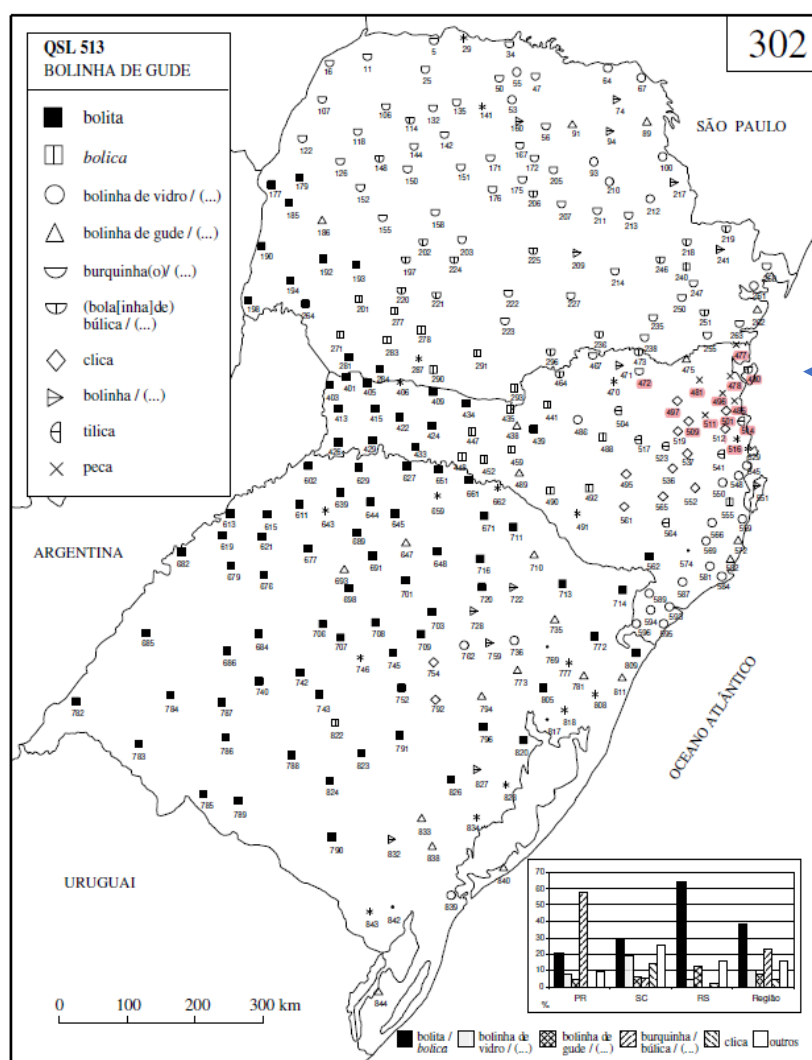
⁵ Para as variantes dessa questão, foram agrupadas as formas no diminutivo (bola e bolinha) de gude, e as variantes com a lexia peca (peca e bolinha de peca).

bolota	1	1,9%
bulica	1	1,9%

Fonte: dados da pesquisa (2023)

Com 61,4% de produtividade, a variante *peca* aparece nas respostas de todos os informantes, sendo predominante, portanto. Trata-se de item lexical de uso exclusivo na região do litoral norte de Santa Catarina, conforme dados obtidos pelos pesquisadores do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil - ALERS (Altenhofen; Klassman, 2011) na carta de número 302 (Figura 4).

Figura 4. Resultados para a variante “bolinha de gude” no ALERS

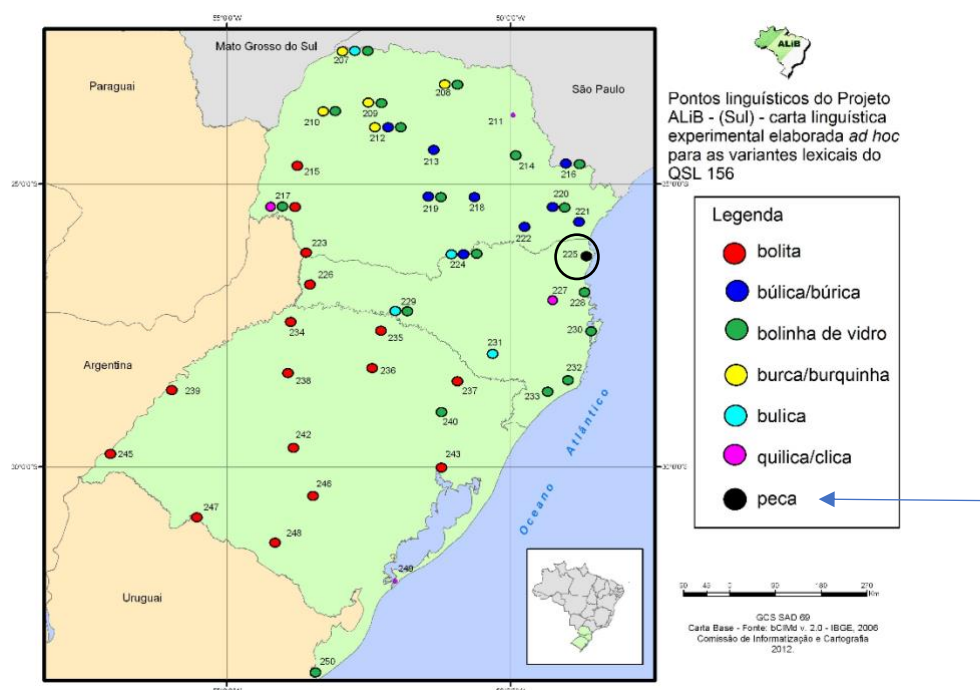


Fonte: ALERS (2011) - adaptado

Na Figura 4, os pontos em que aparece a variante *peca* são: São Bento do Sul, Corupá, Massaranduba, Jaraguá do Sul, Barra Velha, São Francisco do Sul e Joinville, áreas do litoral norte de Santa Catarina, e em Blumenau, Gaspar e Luiz Alves, cidades localizadas no Vale do Itajaí-Açu. O município Balneário Barra do Sul fica entre São Francisco do Sul e Joinville, o que evidencia como forma típica da região, amplamente difundida no ASL-BBS.

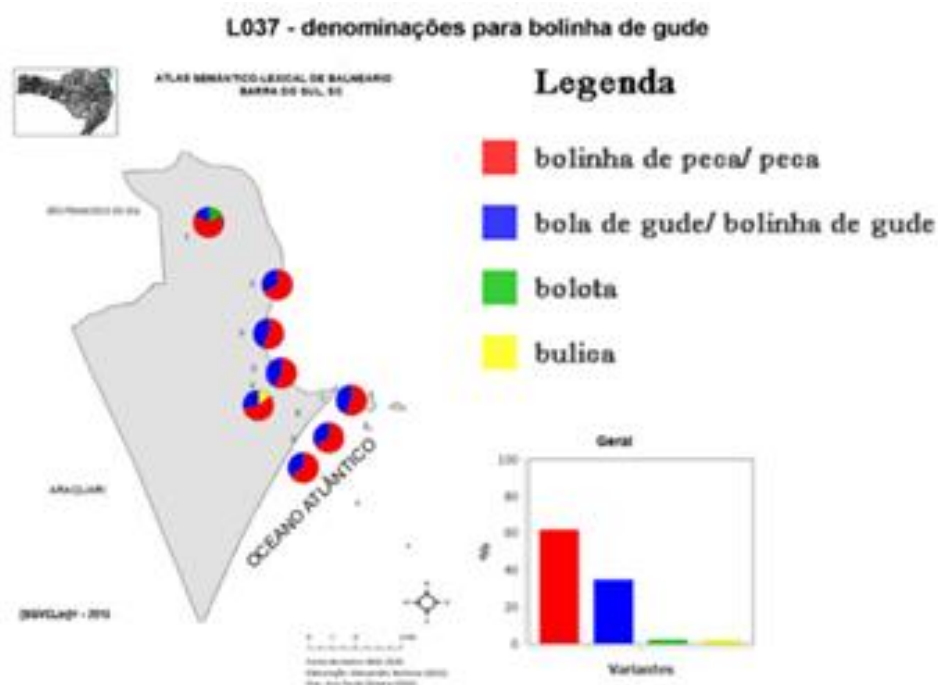
Já nos dados do Projeto ALiB, as pesquisas feitas na Região Sul do Brasil cobriram 44 municípios, e, a partir do trabalho de Romano e Aguilera (2014), é observada a documentação de *peca* no ponto 225, São Francisco do Sul, mesma região linguística do município Balneário Barra do Sul (Figura 5), consoante o que aparece detalhado no ALERS.

Figura 5 - Resultados para a variante “bolinha de gude” no ALiB



Fonte: Romano e Aguilera (2014, p.582) – adaptado

No ASL-BBS, a variante *peca* ocorre de forma ainda mais frequente do que documentada nos atlas de maior abrangência (regional e nacional), como era de se esperar (Figura 6), por se tratar de uma forma que revela traços de aspectos regionais do léxico local.

Figura 6. Carta monodimensional das variantes para a pergunta 37 do QSL, no ASL-BBS

Fonte: dados da pesquisa 2023

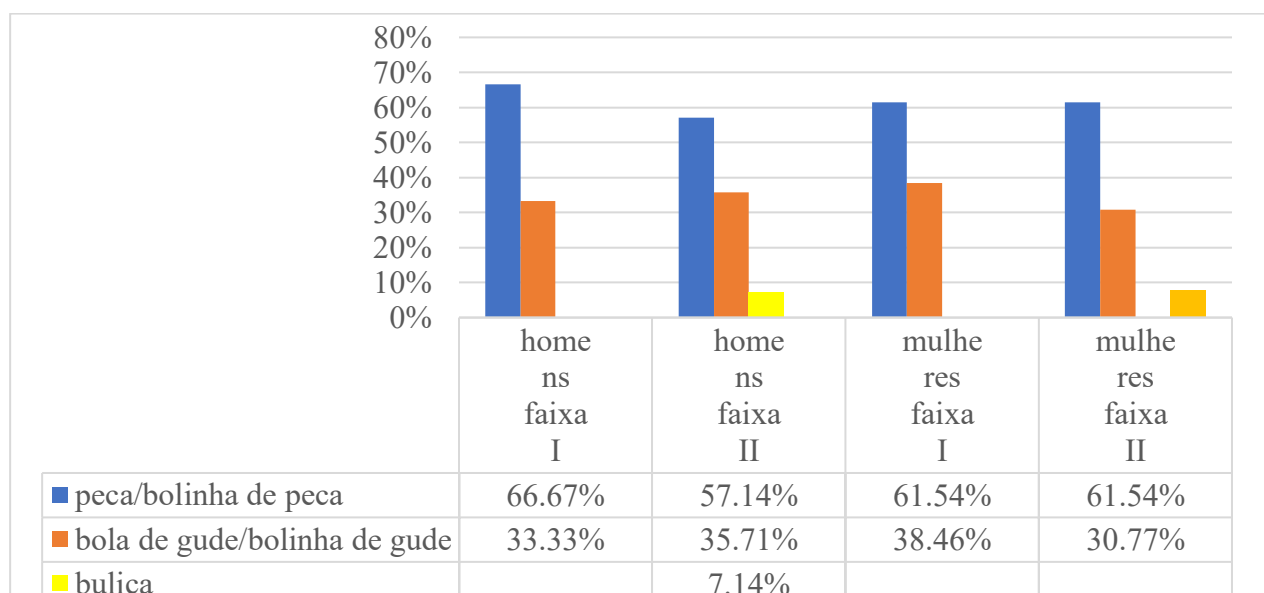
A variante mais produtiva, *bolinha de peca/ peca*, predomina em todos os pontos linguísticos não evidenciando diferença entre zona rural (ponto 1 a 4) e zona urbana (pontos 5 a 8). A segunda variante mais produtiva, por sua vez, é a forma mais difundida no estado/região (ALERS/ ALiB)) (*bolinha de gude*), seguindo-se *bolota* (ponto 1) e *bulica* (ponto 4). Como se observa, os resultados comprovam que, no litoral norte de Santa Catarina, há um vocábulo específico para *bolinha de gude*, o que torna possível afirmar que a variante *peca* é própria da referida região. A predominante presença de *peca* evidencia que a área estudada ainda preserva traços das zonas isoléxicas registradas no ALERS e expande como um *zoom* para a diatopia pormenorizada no ASL-BBS. Esses resultados, de certo modo, contribuem, ainda que parcialmente, com a hipótese de Margotti e Vieira (2006, p.258) relativamente à área lateral no Nordeste do Estado como sendo “isenta de projeções rio-grandenses e hipoteticamente influenciada pelas projeções

paranaenses”. Contudo, essa área não possui influências de projeção paranaense, no que diz respeito a variantes de *bola/bolinha de gude*, configurando-se em uma área com traços únicos.

Quanto à variante *bulica*, não documentada no ALERS, mas no ALiB, em uma área geográfica localizada na parte central de Santa Catarina, região de Lages, configura em uma área mais restrita a determinados fenômenos do léxico, conforme Altenhofen (2005, p. 197) definiu em seu estudo. Trata-se de região perpassada pela rota de tropeiros paulistas e sul-rio-grandenses e, como tal, área com a presença de traços linguísticos trazidos do sul em direção ao norte e vice-versa.

Considerando as variáveis sociolinguísticas sexo e faixa etária, tem-se a seguinte distribuição ilustrada na Figura 7.

Figura 7 – Produtividade das variantes segundo o sexo e faixa etária – Questão 37



Fonte: Banco de dados do ASL-BBS - Câmara (2023)

Segundo os dados da pesquisa, não há uma diferença significativa na frequência de uso entre homens e mulheres no que se refere às quatro variantes, sendo mais de 50% das respostas com preferência para *peca/bolinha de peca* tanto entre os homens quanto entre as mulheres; ao passo que há percentuais de 30% a 40% de uso de *bolinha de gude* entre os

informantes da faixa I e faixa II. Portanto, ambas as variantes estão de forma equilibrada entre as variáveis sociolinguísticas controladas. Observa-se, porém, que para os homens mais velhos e mulheres mais velhas, há duas formas exclusivas, as variantes *bulica* e *bolota*, respectivamente. Esses dados revelam que Balneário Barra do Sul guarda certas tradições ou particularidades na fala, a variante *bulica*, registrada na fala de um homem da área rural, no ponto 4, pode estar relacionada ao contato com alguns gaúchos da região, pois, nas proximidades da localidade Perequê, há a sede do C.T.G (Centro de Tradição Gaúcha) - Tropeiros da Amizade, local onde os moradores mantêm as tradições gaúchas. No ALERS, *bulica* está distribuída, principalmente, em localidades da rotas dos tropeiros. E a forma *peca/bolinha de peca* aparece como um item específico da região, a partir do que se tem observado nos trabalhos geolinguísticos consultados. Os resultados, portanto, evidenciam que, do ponto de vista da variação e da mudança linguística em tempo real, não houve alterações, pois a forma regional ainda se mantém no vocabulário ativo dos informantes tanto mais velhos quanto mais novos.

4.2 Degustando o musse

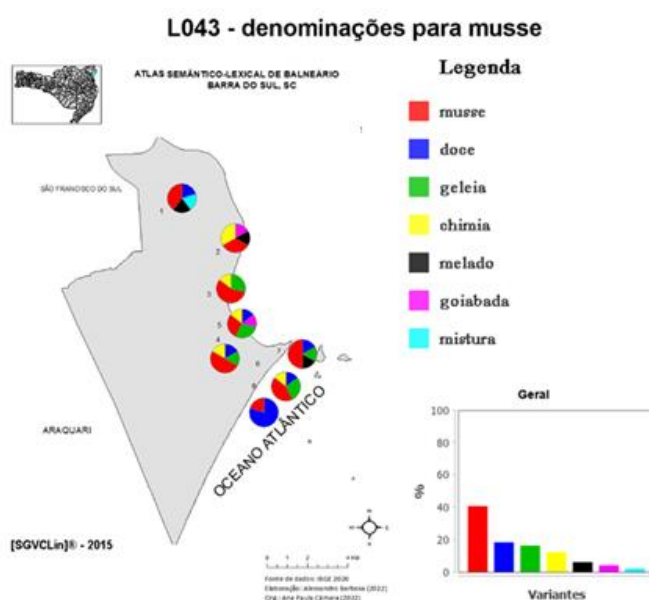
Para a questão de número 43, do ASL-BBS, como se chama a *pasta feita de fruta para passar no pão*? Obteve-se, ao todo, 49 respostas, sendo *musse* a variante mais produtiva, com 20 ocorrências (40,82%). Na sequência, tem-se a forma genérica *doce* (18,37%) com nove respostas *geleia* (16,33%) oito respostas; *chimia* (12,24%) seis; *melado* (6,12%), três; de *goiabada* (4,08%), com duas ocorrências e *mistura* (2,04%) sendo ocorrência única. A respeito da variante *goiabada*, aferida por dois informantes, quando questionados, eles afirmaram ser o mesmo que *geleia*, especificamente, feita de goiaba, e a *hapáx legomena mistura* designa a iguaria para passar no pão, portanto, para o informante, sinônimo de geleia, como demonstramos na tabela 2.

Tabela 2. Distribuição geral das variantes lexicais para musse (QSL 43)

Variante	Número de ocorrências	%
musse	20	40,82
doce	9	18,37
geleia	8	16,33
chimia	6	12,24
melado	3	6,12
goiabada	2	4,08
mistura	1	2,04

Fonte: dados da pesquisa

Na sequência, apresenta-se a carta monodimensional (Figura 8) com os resultados expressos por pizzas em cada ponto de inquérito para compreensão dos resultados.

Figura 8. Carta monodimensional para a pergunta 43 do QSL, no ASL-BBS

Fonte: dados da pesquisa

Obtendo uma visão por rede de pontos, vê-se que a variante *musse* é a mais produtiva no *corpus*, pois ocorre em todos os bairros, especialmente nos pontos 1, 3, e 4, áreas rurais, e nos pontos 6 e 7, áreas urbanas. Não há,

portanto, uma variação diazonal. Já a variante *doce* aparece com preferência no ponto 8 (Salinas). *Geleia* aparece nos pontos 3, 4, 5, 6 e 7 (dois rurais e três urbanos). E *chimia*⁶, com mais ênfase nas áreas rurais, como se observa nos pontos 2 (Perequê), 3 (Pinheiros), 4 (Tetequera); e nos pontos urbanos: 5 (Costeira), 6 Centro e 7, Boca da Barra. Já a variante *doce* apresenta-se no ponto 8, Salinas.

Contudo, para algumas pessoas a *chimia* não é feita de fruta, mas sim de ovo. Gemada batida com açúcar e frita. Conforme explicam alguns informantes:

(043)

Geleia/ musse/chimia: doce de fruta para passar no pão

INQ. – O doce pode ser industrializado ou caseiro, como chama?

INF.- É, como se fala... uns dizem chimia, mas pra mim é... eles falavam, ah vou fazê uma chimia, mas a chimia que eu sabia era ovo, ovo batido com açúcar e frito na frigideira, hoje dizem doce mesmo, né, musse. – *Ponto 5 – Costeira (área urbana), mulher faixa I (18 a 30 anos)*

(043)

Geleia/ musse/chimia: doce de fruta para passar no pão

INF.- goiabada, chimia de ovo (risos), doce, se for de fruta fala o tipo que é.

INQ. – chimia de ovo?

INF. – É, a minha mãe faz com ovo batido, aí frita e passa no pão de casa (risos).

INQ.- e goiabada?

INF.- Ah...goiabada é mesma chimia, feita de goiaba... – *Ponto 5 – Costeira (área urbana), homem faixa I (18 a 30 anos)*.

Tradicionalmente, na região norte do estado, nas mesas das famílias de origem alemã, a *chimia* é feita com ovo e açúcar e depois é frita, porém, nos

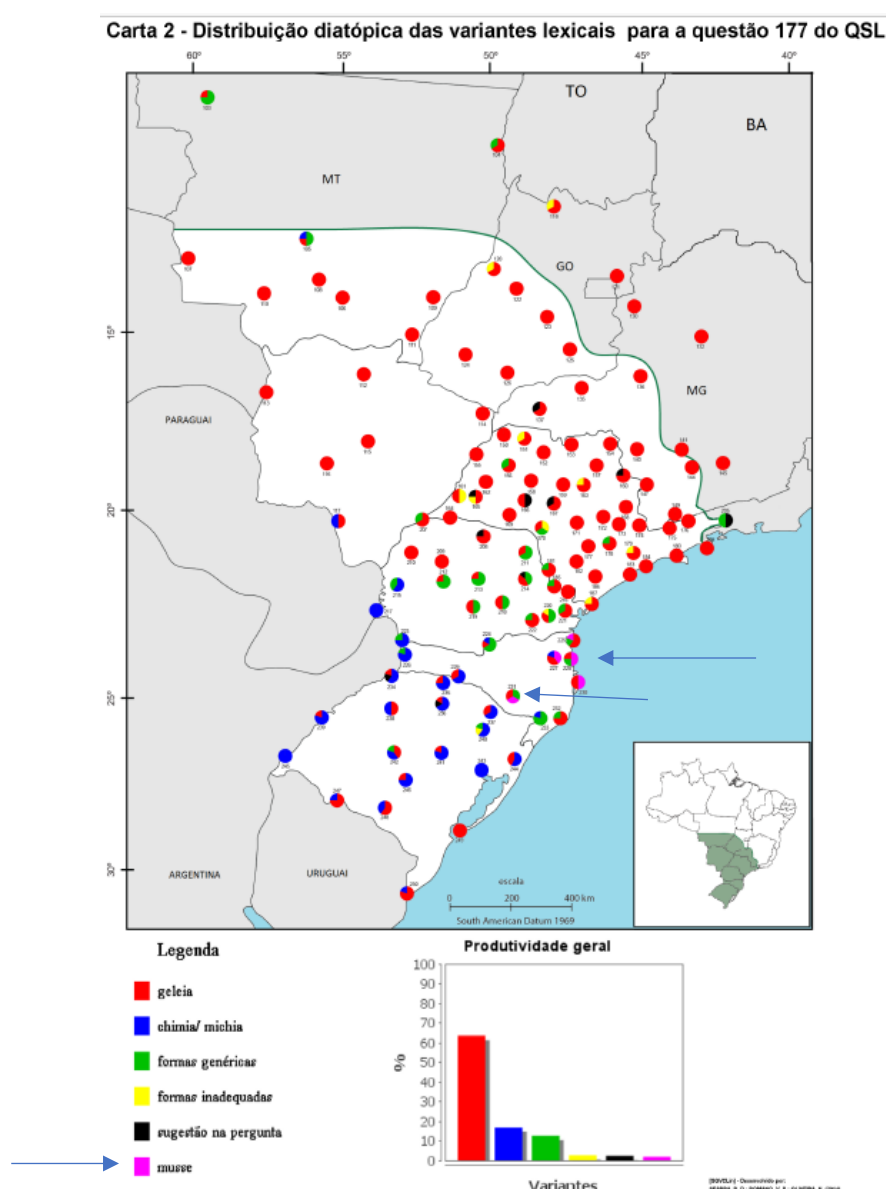
⁶ Etimologicamente, a palavra chimia vem do verbo alemão *schmieren*, que significa passar algo, *chimiar*, *passar algo no pão*. Neste sentido, qualquer doce caseiro é chamado de chimia, por isso é comum, nas mesas de origem alemã, encontrar a chimia amarela, feita de ovo.

<https://www.portaldorancho.com.br/portal/identidade/schmier-de-ovo-sabores-da-colonia>

mercados, é comum encontrar *chimia* feita de fruta, semelhante a uma *geleia*, e a *iguaria*, feita de frutas, é uma tradição antiga, pois aproveitavam-se as frutas muito maduras para fazer o doce e, assim, evitar descarte. E em Balneário Barra do Sul, assim como em Joinville e São Francisco (cidades vizinhas), é muito comum o doce de fruta (*musse*) ser feito em casa.

Comparando os resultados com outros estudos, observa-se que a variante *musse* é exclusiva de Santa Catarina. Romano (2015, p. 123) traz a descrição diatópica das variantes para o QSL 177, ALiB, com os resultados nas regiões Centro e Sul do Brasil conforme Figura 9.

Figura 9. Resultados para a variante “musse”, no ALiB

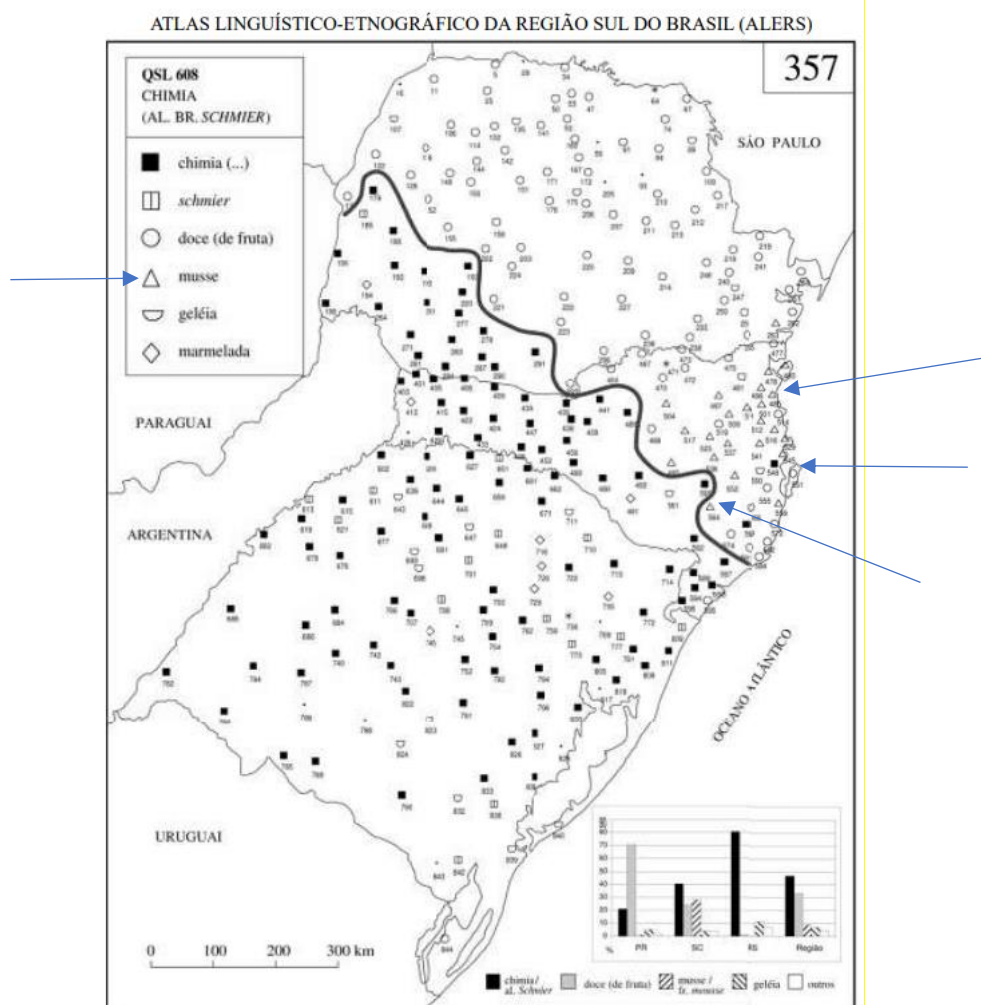


Fonte: Romano (2015, p. 123) - adaptado

Nos dados do Projeto ALiB, *musse* (lilás) ocorre exclusivamente em Santa Catarina, nas seguintes cidades: 225 (São Francisco do Sul); 227 (Blumenau); 228 (Itajaí); 230 (Florianópolis), na faixa leste; e 231 (Lages) na região Serrana. E a variante *chimia* aparece em Blumenau (ponto 228), Criciúma (ponto 233); São Miguel do Oeste (ponto 226) e está amplamente difundida pelo Rio Grande do Sul e sudoeste do Paraná.

Na Figura 10, encontra-se a carta 357 do ALERS (Altenhofen *et al.*, 2011) em que a variante *musse* ocorre em diversos pontos em Santa Catarina, a saber: ponto 485, Luiz Alves; 496, Otacílio Costa; 501, Vale do Itajaí; 504, Rio do Campo; ponto 516, Camboriú; 517, Rio do Sul; ponto 529, Porto Belo; 559, Paulo Lopes e o ponto 564, na região de Urubici, no noroeste do estado. A maioria dessas regiões são litorâneas. Semelhantemente ao Projeto ALiB, na carta do ALERS, a variante *chimia*, aparece em boa parte dos estados do Paraná e Rio Grande do Sul.

Figura 10. Resultados para a variante “musse”, no ALERS

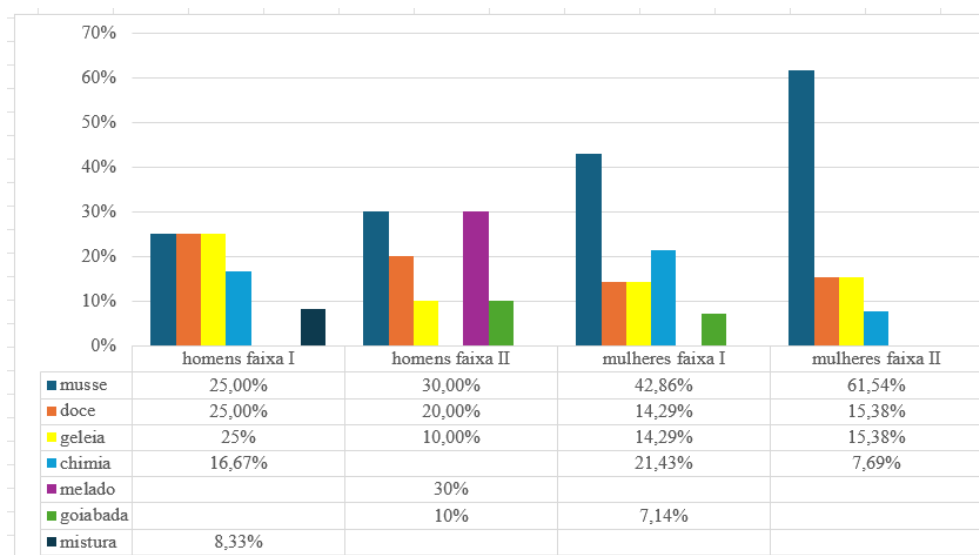


Fonte: ALERS, 2011, v. 2, p. 811. - Adaptado

Logo, comparando os dados das três pesquisas, ALERS, ALiB e ASL-BBS, pode-se comprovar que Santa Catarina possui traços demarcadores de bilinguismo e empréstimo de línguas de colonização, como é o caso do léxico *chimia*, *shimier*, pois apareceu em cinco, dos oito pontos de inquérito pesquisados neste último atlas. Nas demais pesquisas, o item cobre praticamente toda a região do Paraná e em Rio Grande do Sul, como observa-se nas figuras (9 e 10). Quanto à variante *musse*, essa forma ocorre exclusivamente em uma área específica de Santa Catarina, no nordeste do estado, contemplando a faixa litorânea, região denominada por Altenhofen (2005) como “zona lateral açoriana-catarinense”, incluindo Balneário Barra do Sul. Essa particularidade fora atestada por Romano (2015), constatando a existência de áreas heterogêneas linguisticamente na região mencionada.

A Figura 11 traz a distribuição percentual das formas conforme as variáveis sexo e faixa etária.

Figura 11 – Produtividade das variantes segundo o sexo e faixa etária – questão 43



Fonte: Banco de dados do ASL-BBS - Câmara (2023)

A partir desses dados, observamos que a variante *musse* predomina como forma mais recorrente entre as mulheres da segunda faixa etária (61,50%) e é a mais produtiva entre as mulheres mais jovens (42,86%) e entre os homens da faixa II (30%), o que evidencia indícios de uma variação diasssexual. O relato a seguir apresenta a descrição de uma informante de 50 a 65 anos sobre o manejo caseiro para preparar essa iguaria.

Geleia/ musse/chimia: doce de fruta para passar no pão

INF.- musse, doce, né

INQ. – Como é esse doce ou musse?

INF. – Ah, tem os do mercado, mais antigamente a gente fazia em casa, com casca de fruta ou quando a fruta tava passada, madura

INQ. – Hum, e esse é musse ou doce?

IF. – Tanto faz...acho que podi ser os dois mesmo, mais tem gente que acha que doce é de mercado, e musse é feito em casa, eu acho.

Ponto 4 - Perequê - mulher faixa etária I (50 – 65 anos)

Por outro lado, *chimia* ocorre, principalmente, entre informantes da faixa I (jovens), mesmo com baixa produtividade, indicando possível variação diageracional. Outro indício de variação diageracional e diasssexual é a variante *melado*, que entre os homens mais velhos obteve 30% de

frequência. O foco principal desta questão recai, contudo, em variantes lexicais que caracterizam aspectos regionais do litoral norte de Santa Catarina, opondo-se *chimia*, comum em grande parte do Rio Grande do Sul e oeste catarinense, a *musse* como forma típica da área estudada, principalmente na fala feminina. Tanto na década de 80, dados do ALERS, quanto nos anos 2010 (dados do ALiB) e 2022 (dados do ASL-BBS), as formas regionais *musse* e também *chimia* que revelam que traços de contato linguístico ainda perduram atualmente e o atlas de pequeno domínio permite dar um *zoom* na realidade linguística da região.

4.3 Degustando o pão doce com farofa

De acordo com o dicionário bilingue *on-line* LEO (2025)⁷, o vocábulo *chineque* é a forma aportuguesada de *Schnecke*, termo de origem germânica, que, em regiões de colonização alemã, principalmente no Paraná (Curitiba) e localidades do nordeste de Santa Catarina (Joinville), por exemplo, denomina um termo da culinária para um tipo de pão doce. Em dicionários gerais da língua portuguesa como Ferreira (2004), Calda Aulete (2007) e Houaiss e Villar (2001) e no dicionário etimológico de Cunha (2010), não há entrada para o vocábulo.

Os formatos mais conhecidos desse pão são em espiral e em forma de massinha, cobertos de farofa que podem ser acompanhadas de fruta ou creme: chineque de farofa, chineque de farofa com banana, farofa com creme, canela, entre outros sabores, conforme a Figura 12:

Figura 12. Imagem ilustrativa do chineque

⁷ <https://dict.leo.org/alem%C3%A3o-portugu%C3%AAs/chineque>



Fonte: arquivo pessoal

Na região norte do estado de Santa Catarina, é muito comum encontrá-lo nas mesas dos cafés das famílias. Desse modo, a escolha por essa questão ocorreu pela importância do referente na região, considerando-se as peculiaridades da culinária alemã que se reflete na culinária da região. A questão 44 do QSL documenta as variantes lexicais conforme a Tabela 3, em que se observa a ocorrência de 40 respostas distribuídas, basicamente, em três variantes⁸:

Tabela 3. Distribuição geral das variantes lexicais para chineque (QSL 43)

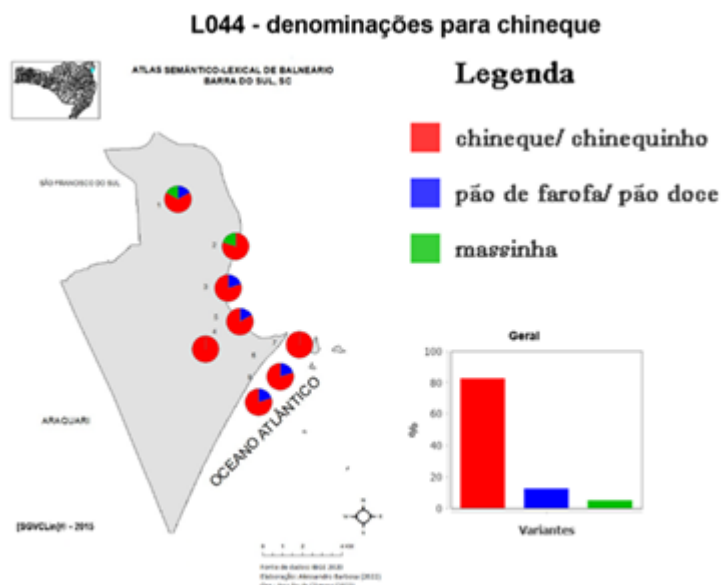
Variantes	Número de ocorrências	%
chineque/chinequinho	33	82,50
pão de farofa/pão doce	5	12,50
massinha	2	5
	40	

Fonte: dados da pesquisa

A distribuição diatópica das variantes está apresentada na Figura 13.

Figura 13. Carta monodimensional para a pergunta 44 do QSL no ASL-BBS

⁸ Foram agrupadas formas no diminutivo chineque/chinequinho compreendidas como a mesma variante, e variantes com o item pão (pão de farofa/pão doce).



Fonte: ASL-BBS (Câmara, 2023)

Observa-se nesta carta que a variante *chineque/chinequinho* aparece em todas as áreas cobrindo todo o município, especialmente nos pontos 4, área rural, e 7, área urbana, locais em que a variante obteve 100% da preferência dos informantes, comprovando a regionalidade do item. As demais variantes, *pão de farofa* e *pão doce* estão registradas nos pontos 1, 3, 5, 6 e 8, enquanto a designação *massinha* está presente no ponto 1 e 2. Ambas as formas têm baixo índice de produtividade.

Essa pergunta compõe as questões inéditas do ASL-BBS, não sendo possível, portanto, a comparação com outros estudos. Contudo, os resultados servirão para que outras pesquisas sejam feitas e evidenciem traços do contato do português com línguas de imigração, comprovando a hipótese de Altenhofen (2005) sobre as subáreas dialetais no sul do Brasil que refletem essas características. Os informantes atestam a consciência do contato linguístico na região, em relatos como o excerto a seguir:

Chineque: pão sovado com farofa

INF.- chineque, alguns dizem massinha de farofa, mas a gente chama chineque, esse nome tem origem alemã, quem fala

chineque, massinha já é outras regiões... – *Ponto 2 - Tetequera (rural)*
mulher, faixa I (50 a 65 anos)

Chineque: pão sovado com farofa

INF.- pão doce com farofa. Mas aqui a gente diz chineque

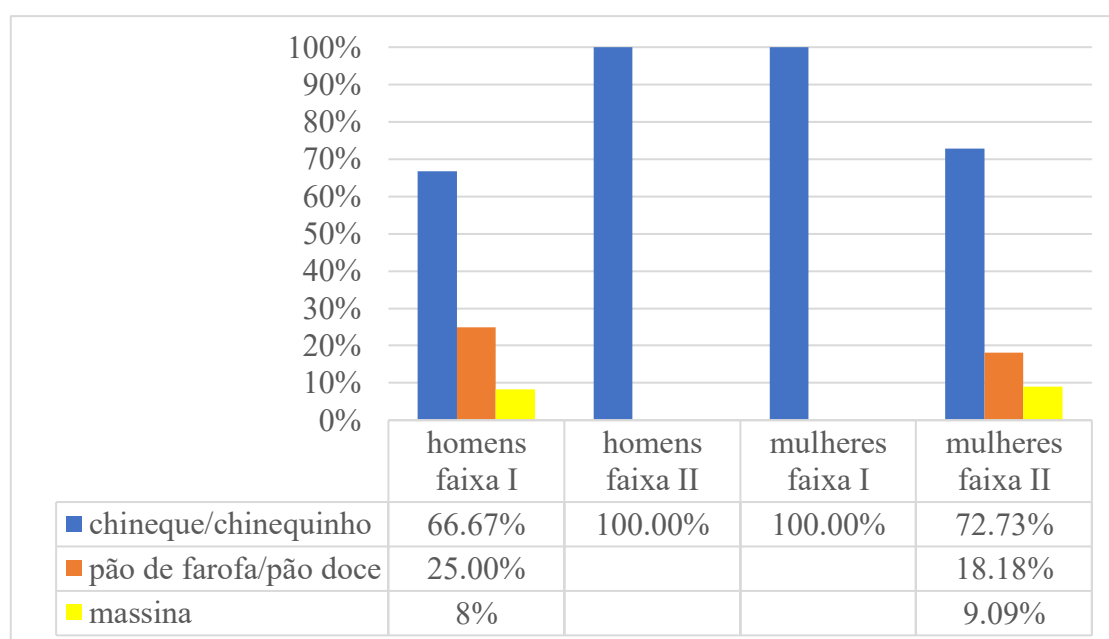
INQ. Tem diferença?

INF. -Não, é mais de região, eu acho, pra cá tem mais alemão, né. –

Ponto 1 – Conquista (rural), mulher faixa II (50 a 65 anos)

A Figura 14 traz a distribuição dos itens conforme as variáveis sexo e faixa etária.

Figura 14 – Produtividade das variantes segundo o sexo e faixa etária – questão 44



Fonte: Banco de dados do ASL-BBS - Câmara (2023)

A variante *chineque/chinequinho* é a forma exclusiva da fala dos homens da faixa II e mulheres da faixa I; ao passo que concorre com outras duas variantes entre os informantes jovens masculinos e as informantes de mais idade femininas, com distribuição análoga pelas faixas etárias. Dessa forma, é possível aferir que a denominação do referente em pauta não evidencia uma variação diageracional ou diasssexual. Neste caso, assim como nos demais itens, o fator predominante para o item é o diatópico.

4.4 O caso de lausento

Balneário Barra do Sul é um município que preserva muito a sua cultura, especialmente a linguagem dos pescadores e descascadoras de camarão, e com isso, muitas palavras surgiram desde os primeiros colonizadores, como é o caso da palavra *lausento* (a), um adjetivo atribuído a pessoas que gostam de contar histórias, ou mesmo se exhibir para empolgar o público.

Segundo alguns moradores entrevistados, essa palavra foi trazida pelos gaúchos que fixaram morada na região, e para eles, originalmente o termo significava cortejar alguém, paquerar, namorar, conforme o depoimento de um dos informantes

(061)

Lausento (a): pessoa que quer se aparecer, acha-se demais, conta vantagem.

INF. – lausento (risos) laúsa é aplicada para várias coisas

INQ. – Conta!

INF. – Na verdade essa palavra quem trouxe foi os gaúcho, lá no Rio Grande significa paquera, fazê cortesia pra mulhé (risos).

cortesia pra mulhé (risos). - *Ponto 5 – Costeira (urbano), Homem faixa I (18 a 30 anos)*

Ao pesquisar em dicionários, como o Caldas Aulete (2007), Houaiss e Villar (2001) e Ferreira (2004), não há registro de *lausento*, apenas encontra-se a entrada para *laúsa*, cujo significado é “grande barulho ou confusão, geralmente em estádios de futebol, eventos”. O dicionário etimológico de Cunha (2010) não registra o verbete *laúsa*, não sendo possível aferir sua origem, portanto.⁹

Tabela 4. Distribuição geral das variantes lexicais para lausento (QSL 61).

⁹ Foram agrupadas num mesmo item as seguintes formas: itens com flexão de gênero: *lausenta/lausento, metido, metida*; itens que remetem ao verbo achar: *se acha/se achão*; palavras com garganta (*gargantiando, grande garganta*); itens que remetem ao verbo saber: *sabe tudo/sabidão* e variantes fonéticas com síncope do /r/ final do verbo contar (*contador/contadô de história*).

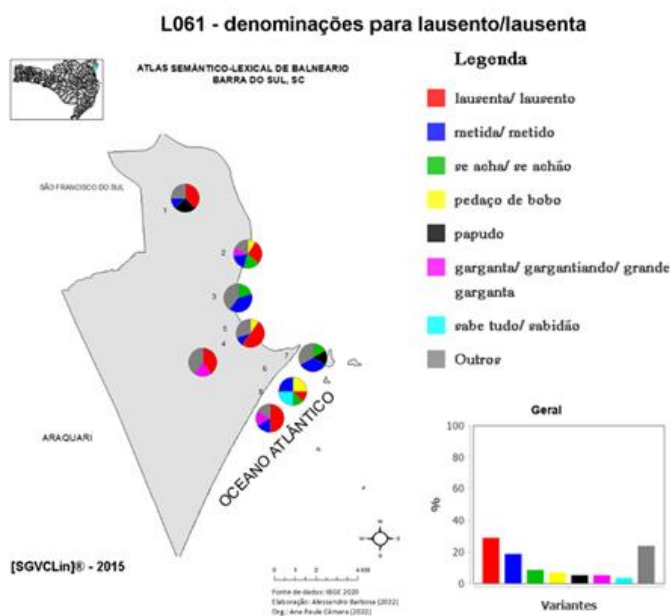
Variantes	Número de ocorrências	%
lausenta/lausento	17	28,81
metido/metida	11	18,64
se acha/ se achão	5	8,47
pedaço de bobo	4	6,78
garganta/gargantiando/grande garganta	3	5,08
papudo	3	5,08
contador de história/ contadô de história	2	3,39
gavola	2	3,39
mentiroso	2	3,39
sabe tudo/sabidão	2	3,39
Faladô	1	1,69
gralha	1	1,69
essezinho	1	1,69
Enjoado	1	1,69
conversadô	1	1,69
prosa	1	1,69
boca aberta	1	1,69
fazendo migué	1	1,69

Fonte: dados da pesquisa

No total, foram 60 respostas produzidas pelos 32 informantes e, de acordo com a Tabela 4, observa-se que o item *lausento/lausenta* é a variante predominante. Esse adjetivo aparece como forma mais produtiva em 17 respostas (28,81%). Em seguida, encontram-se as variantes *metido/metida*, com 11 ocorrências (8,64%), seguido de *se acha, se achão* (8,47%). A expressão *pedaço de bobo* ocorreu em 6,78% das respostas. As variantes *garganta/gargantiando* e *papudo* apareceram em 3 registros. Os itens lexicais *contador/contadô de histórias*, *gavola*, *mentiroso* e *sabe tudo/sabidão* tiveram 3,39% de produtividade cada uma, ou seja, duas ocorrências. E, por fim, as ocorrências únicas foram citadas: *faladô*, *conversadô*, *gralha*, *essezinho*, *enjoado*, *prosa*, *boca aberta* e *fazendo migué*, o que equivale a 1,69% cada uma. Essas palavras, com apenas 1

resposta, na carta linguística (Figura 15), encontram-se agrupadas no rótulo *outros*.

Figura 15. Carta monodimensional para a pergunta 61 do QSL no ASL-BBS



Fonte: ASL-BBS (Câmara, 2023)

Pode-se observar na carta que a palavra *lausento/lausenta* ocorre em quase todo o município, exceto no ponto 3, Perequê (área rural) e no ponto 7, Boca da Barra, nos quais a variante dá lugar a outras formas: *metido/metida*, *se acha/se achão*, *papudo*, entre outras denominações, agrupadas nos itens *outros*. Nota-se, também, um comportamento heterogêneo de variantes para a questão na maioria dos pontos de inquérito, pois as respostas variaram. Sobre isso, pode-se dizer que as denominações à pergunta refletem polimorfismo lexical.

Importante destacar que, apesar de o item lexical *lausento* (a) ser uma expressão regional, não se pode abandonar a incidência de variantes dicionarizadas nas respostas para a questão em destaque, dentre elas, tem-se: *metido/metida*, *enjoado*, *gavola*, *faladô*, *conversado*.

Há, ainda, outras expressões como *prosa*, *garganta/gargantiando*, *gralha*, *sabe tudo*, *sabidão*, *papudo*. E no termo *essezinho*, verifica-se que houve uma alteração mórfica do pronome demonstrativo “esse”, ou seja, processo de derivação sufixal “zinho” “inho”, que, pela fala dos informantes, recebe conotação de desprezo e desvalia. Já a variante *pedaço de bobo*, que aparece em quatro respostas, dá indícios de ser uma forma regional, assim como a expressão *lausento*. A variante *gavola*, por sua vez, pode ser considerada uma forma lexical de caráter diageracional, já que ocorreu na resposta de dois informantes da faixa etária II, 50 a 65 anos (Figura 15); e tem como significado mais antigo, segundo um dos informantes: “rapaz que fica com uma menina e sai falando para todo mundo”, expressão popular gaúcha, e esse significado pode estar atrelado também ao termo *lausento*, pois, segundo alguns informantes, a palavra veio do Rio Grande do Sul e significava também “cortejar”, “paquerar”.

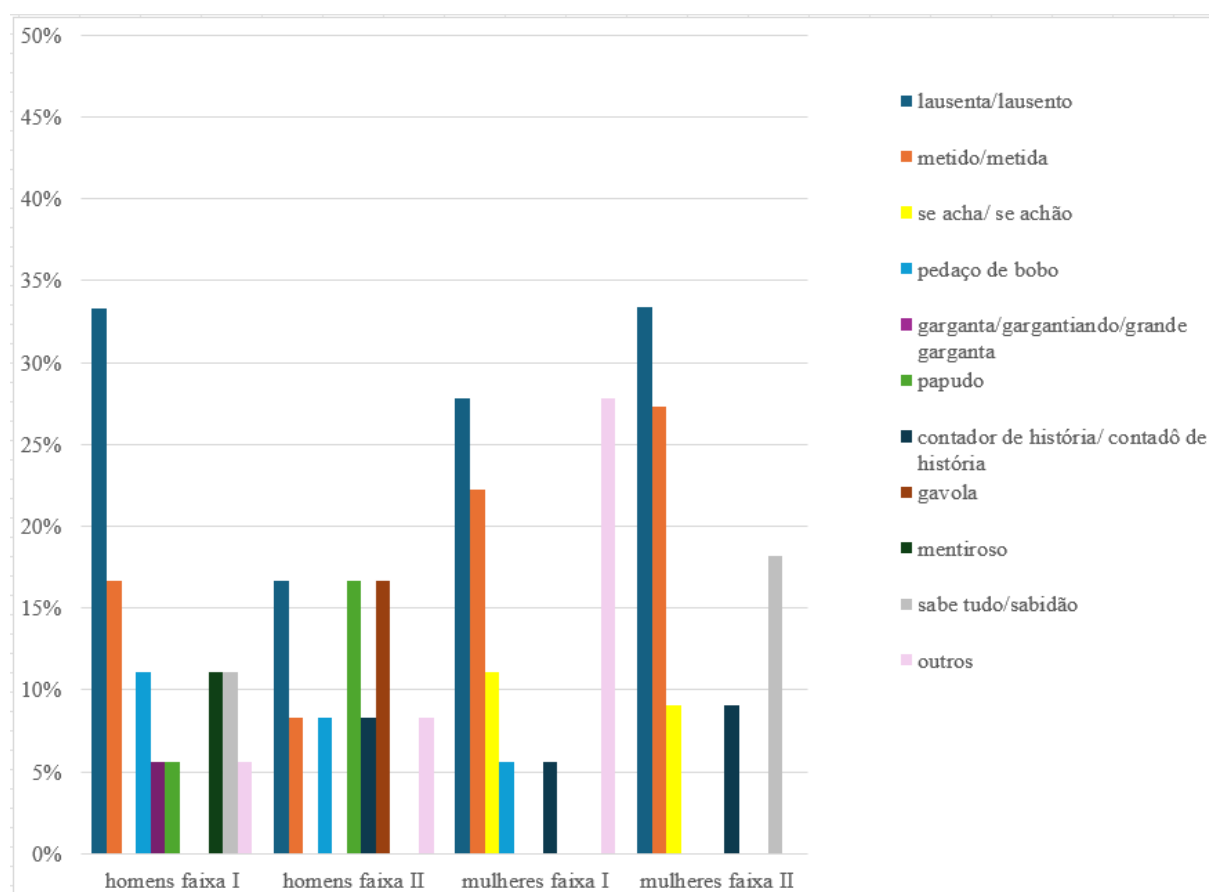
INF.- lausento (risos), essa palavra na verdade veio do Rio Grande Do Sul e era usado com outra finalidade...

INQ. - Conta

INF.- era no sentido de passa uma cantada (risos) – Ponto 5 – Costeira (urbano), Homem faixa II (50 a 65 anos)

Quanto à variação diageracional e diassexual das variantes lexicais, tem-se na Figura 16 a distribuição em dados percentuais.

Figura 16 – Produtividade das variantes segundo o sexo e faixa etária – questão 61



Fonte: Banco de dados do ASL-BBS - Câmara (2023)

O polimorfismo lexical para essa questão apresenta-se em ambos os sexos e faixas etárias, o que não evidencia uma variação diageracional ou diassexual evidente. Contudo, observamos que a variante *lausento/lausenta* predomina na fala dos informantes homens da faixa I e na fala das mulheres de ambas as faixas etárias, com índices acima de 25%. As variantes com única ocorrência, que compreendem o item *outros* (cor rosa), estão mais presentes nas respostas das mulheres da faixa II e a variante *metido/metida* é a forma mais produtiva na fala das informantes femininas. Neste caso, variáveis sociolinguísticas não apresentaram influência na denominação para o referente perguntado, sendo, portanto, uma questão de caráter mais regional como parte do vocabulário ativo tanto de pessoas mais jovens quanto mais velhas da comunidade em questão.

Considerações finais

Após apresentação e análise dos dados e, em conformidade com o objetivo central do artigo, é possível afirmar que a região investigada apresenta traços de um léxico regional, o que se demonstrou nos resultados para a questão 37, que se refere às denominações para *bolinha de gude*, em que a variante *peca* apareceu em 100% das respostas, sendo coerente, portanto, com a pesquisa do ALERS (Altenhofen et al, 2011), a qual demonstra a produtividade do item nas regiões próximas à estudada, destacando-a como variante exclusiva dessas localidades catarinenses.

Ainda sobre as variantes típicas dessa faixa territorial catarinense, compreendida pelo norte do estado e o litoral, menciona-se também as variantes *musse* e *chimia*, identificadas por meio do QSL 43 deste estudo, cujos resultados também comprovaram a preferência pelos itens, especialmente pelo léxico *musse*, assim como em localidades próximas a Balneário Barra do Sul, confirmando os estudos documentados pelo ALERS (2011) e pelos dados do Projeto ALiB (Romano, 2015), em áreas de influências europeias, o que comprova a primeira hipótese deste estudo: há influências de línguas de imigrantes europeus no falar dos moradores de Balneário Barra do Sul.

Quanto aos resultados para a questão 44, *pãozinho sovado com farofa*, questão inédita no atlas, obteve-se a preferência pela variante *chineque*, demonstrando assim a variante em questão que pode incentivar novas pesquisas sobre a culinária, além de indicar a influência alemã na região, principalmente por estar próxima à região de Joinville.

Já para a outro item regional, apresentado na carta 61, *lausento (a)*, encontrou-se acentuado polimorfismo com questões metafóricas de 20 variantes, sumarizando 60 registros. Isso pode comprovar alguns processos de mudança em virtude dos números de pessoas que circulam o litoral, ou a substituição de palavras sinônimas por palavras **parassinônimas**: aquelas que não possuem relação direta com o referente; ocorre em grande escala quando o informante não lembra as respostas.

Quanto à variação geosociolinguística para os referentes em pauta, o estudo permitiu observar que não há uma diferença entre as faixas etárias e ambos os sexos, mas sim uma sutil preferência de uma forma por outra a depender do sexo e da faixa etária do informante. Mesmo assim, é importante que a geolinguística incorpore em sua metodologia diferentes variáveis sociais a fim de ratificar as tendências atuais da língua observadas a partir da coleta de dados orais. Em comparação dos dados com outras sincronias (corpus do ALERS – década de 1980), corpus do ALiB (2010) e do ASL-BBS (2022), pode-se observar que, no processo de variação observada, não dá indícios de mudança, uma vez que informantes utilizam os termos regionais independentemente da faixa etária ou do sexo.

Com isso, pode-se concluir, neste artigo, que os atlas linguísticos de pequeno domínio colaboram com o conhecimento acerca da variação linguística de determinadas regiões, no que se refere a formas regionais que atlas maiores, nacional, por exemplo, não documentam com riqueza de detalhes no que tange à variação de microáreas. Assim, um trabalho de menor abrangência evidencia particularidades como um *zoom* da área com resultados que contribuem para caracterização dialetal do território. Esta pesquisa teve o propósito de contribuir para descrição dos falares catarinenses, sobremaneira, por comprovar, por meio do trabalho geolinguístico, a diversidade regional de uma área de forte influência europeia em seu processo de povoamento e ocupação, o que se reflete no léxico peculiar da localidade da Balneário Barra do Sul.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. de A. **Atlas Linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1994.

ALINEI, M. L'Atlas Linguarum Europae: resultati, struttura, storia, prospettivi. In: MOUTON, P. G. (org.). **Geolinguística: trabajos europeos**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1994. p. 21-39.

ALTENHOFEN, C. V. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: AGUILERA, V. de A. (org.). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005. p. 177-208.

ALTENHOFEN, C. V. et al. **Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil: cartas semântico-lexicais**. Porto Alegre: Ed. UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

ALTINO, F. C.; AGUILERA, V. de A. O Projeto ALiB e a constituição da Escola Alibiana para a Geolinguística brasileira. In: Romano, V. P.; Altino, F. C.; Aguilera, V. de A. (orgs.). **A Geolinguística no Brasil: contatos, interfaces e entremeios**. , 2025, p. 19-42.

BITENCOURT, G. S. de. **Atlas Semântico-Lexical do Vale do Itajaí – SC**. 2024. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

BRISSOS, F.; SARAMAGO, J. Análise dialetométrica do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil: variação lexical. In: CARRILHO, E.; MARTINS, A. M.; PEREIRA, S.; SILVESTRE, J. P. (org.). **Estudos linguísticos e filológicos oferecidos a Ivo Castro**. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2019. p. 349-379.

CALDAS AULETE, F. J. de. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Versão digital atualizada. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CÂMARA, A. P. **Atlas Semântico-Lexical de Balneário Barra do Sul – Santa Catarina**. 2023. 299 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

CARDOSO, S. A. M. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, S. A. M. et al. **Atlas Linguístico do Brasil: introdução** v. 1. Londrina: Eduel, 2014a.

CARDOSO, S. A. M. et al. **Atlas Linguístico do Brasil: cartas linguísticas** 1, v. 2. Londrina: Eduel, 2014b.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil: questionários** 2001. Londrina: Eduel, 2001.

COSERIU, E. **Teoria da linguagem e linguística geral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Versão eletrônica 5.0. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FURLAN, O. A. **A influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1989.

GUIMARÃES, T. B. **Para um atlas linguístico de São Francisco do Sul (ALSFS):** há nesta ilha um falar específico? 2007. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.** Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IMAGUIRE, L. M. C. **Estudo com vistas a um atlas linguístico da Ilha de Santa Catarina:** abordagem de aspectos semânticos lexicais. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

KOCH, W. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (eds.). **Estudos de geolinguística do português americano.** Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 55-69.

LEO. Dicionário bilíngue alemão-português. Disponível em: <https://www.leo.org/alem%C3%A3o-portugu%C3%AAs/>. Acesso em: 12 maio 2026.

LUCCHESI, D. **Sistema, mudança e linguagem:** um percurso na história da linguística moderna. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

MARGOTTI, F. W.; ROMANO, V. P. Estudos dialetológicos e geolinguísticos no Sul do Brasil. In: VANDRESEN, P.; MARTINS, M. A. R.; MONGUILHOTT, I. de O. S. (org.). **Variação e mudança do português falado e escrito no sul do Brasil e outros temas:** uma homenagem a Izete Lehmkuhl Coelho. São Paulo: Blucher, 2021. p. 105-135.

MARGOTTI, F. W.; VIEIRA, H. G. Características de uma área lexical heterogênea na região Sul do Brasil. In: VANDRESEN, P. (org.). **Variação, mudança e contato linguístico no português da região sul.** Pelotas: Educat, 2006. p. 245-260.

MOTA, J. A.; RIBEIRO, S. S. C.; OLIVEIRA, J. M. (org.). **Atlas Linguístico do Brasil.** v. 3. Salvador: EDUFBA, 2023.

PINHO, A. J. de; MARGOTTI, F. W. Aspectos de variação lexical no sul do Brasil: o demônio varia no Sul? **Interdisciplinar:** Revista de Estudos em Língua e Literatura, v. 9, n. 9, p. 51-66, 2009.

PORTAL DO RANCHO. **Schmier de ovo:** sabores da colônia. Disponível em: [Portal do Rancho](#). Acesso em: 12 maio 2026.

RAZKY, A. O Atlas geo-sociolinguístico do Pará: abordagem metodológica. In: AGUILERA, V. de A. (org.). **A geolinguística no Brasil:** caminhos e perspectivas. Londrina: Eduel, 1998. p. 155-164.

ROBBIN, D. A. M. **Entres sepulturas e jazigos das visagens que bateram as botas:** descrição geolinguística e semântico-lexical de cartas lexicais do ALERS. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

ROCHA, P. G. da. **Português de contato com o espanhol no Sul do Brasil: empréstimos lexicais**. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

ROMANO, V. P. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**, Londrina, v. 13, n. 2, p. 203-242, jul./dez. 2013.

ROMANO, V. P. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil**. 2015. 2 v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ROMANO, V. P. Desdobramentos, desafios e perspectivas da Geolinguística Pluridimensional no Brasil. In: MOTA, J. A. et al. (org.). **Contribuições de estudos geolinguísticos para o Português Brasileiro: uma homenagem a Suzana Cardoso**. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 11-39.

ROMANO, V. P. **Tendências atuais dos atlas linguísticos brasileiros: do Projeto ALiB aos atlas de pequeno domínio**. Comunicação apresentada no VII Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística, Augsburg, 8 out. 2024.

ROMANO, V. P.; AGUILERA, V. de A. Padrões de variação lexical na região Sul a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 575-587, jan./abr. 2014. Disponível em: [Estudos Linguísticos - artigo](#). Acesso em: 12 maio 2026.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. SGVCLin – Software para geração e visualização de cartas linguísticas. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 119-151, 2014. Disponível em: [Revista de Estudos da Linguagem - SGVCLin](#). Acesso em: 12 maio 2026.

ROMANO, V. P.; SILVA, H. C. da. Estudos geolinguísticos e sociodialecológicos no Paraná: gênese e continuidade. In: AGUILERA, V. de A.; ROMANO, V. P. **A Geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados**. Londrina: Eduel, 2016. p. 341-354.

SILVA, G. A. da. **Para uma revisão crítica dos fundamentos da Geolinguística**: revisita, diretrizes e algumas propostas. 2023. Relatório de Pós-Doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

SILVA, G. A. da; ROMANO, V. P. **Tendências da Geolinguística brasileira e a nova geração de atlas linguísticos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

THUN, H. La geolingüística como lingüística variacional general. In: RUFFINO, G. (ed.). **Dialettologia, geolinguistica, sociolinguistica**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998. p. 701-730.

CÂMARA, Ana Paula; ROMANO, Valter Pereira. *Paca, musse, chineque e lausento: variantes lexicais no Atlas Semântico-Lexical de Balneário Barra do Sul, Santa Catarina. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 16, e97206, 2026. DOI: 10.36517/ep16.97206.*